



A Extensão na Mangueira: Comunicação, Cidade e Comunidade

Introdução:

João Maia*

Um passeio por uma parte da cidade pouco visitada, por uma parcela da população carioca, é inevitável no início desse trabalho. Vamos mostrar, de maneira caleidoscópica, a vida cotidiana constituindo valores comunitários na favela da Mangueira, ou melhor, na comunidade da Mangueira. A própria denominação espacial do local é complicada de se configurar de maneira segura hoje em dia, pois se constroem múltiplas e fragmentadas imagens do que é se viver de forma comunitária na cidade do Rio de Janeiro.

Por um lado, o projeto "Favela-Bairro"² urbanizou determinados morros na cidade, criando rede de esgotos, pavimentando ruas e iluminando becos. Esse projeto urbanístico forneceu publicamente à favela o lugar de organização e modernização. Mas, por outro lado, a violência urbana expressa através do tráfico de drogas como mostram os diversos jornais, que existe uma população inteira constantemente ameaçada por balas oriundas não se sabe de que armas, se das dos bandidos ou das dos mocinhos. Enfim, introduziram nas discussões sobre a cidade do Rio de Janeiro a questão das favelas como uma problemática na constituição da cultura urbana.

O Vice-Governador ameaçou recentemente e chegou mesmo a imaginar, a criação de muros em torno das favelas para isolar o "perigo"³. Porém, os aspectos culturais que são colocados nas discussões ainda se mostram conceitualmente envolvidos em nebulosas. Os campos político, econômico e cultural se embaralham. Massas disformes de informação se amontoam nas representações que se constroem em torno dos espaços que são vividos de forma comunitária. Seria uma

Resumo:

A proposta se concentra em refletir sobre a atividade de extensão universitária dos alunos do curso de Comunicação Social da UERJ, em pesquisa de campo, na comunidade da Mangueira. Relataremos os caminhos teóricos e metodológicos que orientam o percurso da pesquisa sobre os valores comunitários na cultura da cidade. Propõem-se pensar sobre a sociedade contemporânea a partir da relação das noções de comunicação, de cidade e de comunidade, tendo a teoria da cultura como sustentação conceitual. Os homens que vivem em comunidade assumem lugar de referência na constituição da história da cultura da cidade e suscitam a se repensar questões relativas à representação espacial do Rio de Janeiro. A cultura comunitária pode ser entendida como vetor de resistência aos valores homogeneizantes que qualquer ordem pretenda impor socialmente ao conjunto. A cultura comunitária é composta por valores múltiplos e relacionais colaborando, em tempo integral, para a construção da imagem caleidoscópica da cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Comunicação, cidade, comunidade, cultura

* João Maia é professor Adjunto da faculdade de Comunicação Social da UERJ, mestre em Comunicação e doutor em Sociologia. Está desenvolvendo pós-doutorado em Estudos Culturais no PACC/UFRJ.
E-mail: jmaia@msn.com.br

cultura popular que não estamos acostumados a viver que está penetrando visivelmente na vida urbana, em seu cotidiano?

Extensão, Comunicação e Cultura

As nossas questões teóricas e metodológicas surgem a partir da experiência que está acontecendo, de maneira extensiva, com a inserção dos alunos da graduação em Comunicação Social em pesquisas de campo na Mangueira. Esses alunos são estagiários da pesquisa *Socialidades Comunitárias nos Espaços Materiais e Imateriais no Rio de Janeiro*, que é desenvolvida no Programa de Pró-Ciência da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Um grupo de estagiários chegou para a primeira entrevista esperando, sem dúvidas, encontrar um “mundo paralelo” ao nosso, universitário e composto por pessoas medianamente achata-das economicamente e sem grandes perspectivas políticas. Vivemos em uma sociedade de riscos múltiplos (Bauman, 1999). Em todos os domínios do social podemos afirmar a existência de insegurança e instabilidade. São riscos na saúde, no emprego, na moradia, na segurança, na aposentadoria.

O grupo iria supostamente buscar, em primeiro lugar, elementos da “cultura local” que revelassem a constituição do que se classifica como um sistema de agregação comunitária. Esses elementos, retidos pela cultura localizada territorialmente, teriam supostamente que ter suas origens formadas a partir de uma tradição muito própria e totalmente circunscrita. Imaginava-se a possibilidade da existência de uma cultura, sendo vivida na cidade, que seria excluída do todo social. Um novo mundo se desvendaria ou, ainda, uma cultura que teria supostamente sido injustiçada ou oprimida pelos donos do poder se revelaria. Duas visões guiavam o grupo e isso pode ser constatado nas palavras de uma das estagiárias, em seu diário de campo, quando escreve sobre a distinção que existiria na experiência da rua na comunidade em relação àquela que se estabelece na cidade de maneira ampla:

Na favela a via não significa sempre o “para onde está se levando”, mas, principalmente, um espaço de sociabilidade, um ponto de encontro. O significado de “rua” é muito distinto do que é para nós,

galera do asfalto. Na maioria das vezes, ela não é um meio, mas um fim em si: é a rua o objetivo mesmo de quem sai de casa. É na rua que tudo acontece – talvez mais até do que no bar, na escola, na igreja. O “circular” pela Mangueira não é uma função de mobilidade, mas uma função de estar, de dividir, de confraternizar.⁴

A proposta neste texto, inicialmente, se concentra em refletir sobre a atividade de extensão universitária dos alunos do curso de Comunicação Social da UERJ em pesquisa de campo na cidade do Rio de Janeiro. Esses futuros profissionais terão como primeiro instrumento de trabalho o próprio cenário da cidade. Será nele onde o profissional pensará as articulações que se estabelecem entre os homens e entre eles e o seu lugar de moradia e de circulação. Esse aluno deverá estar preparado para, no futuro, encontrar diante de si, na experiência profissional, os mais diversos valores se entrecruzando de maneiras inusitadas. A atividade de extensão possibilita ao aluno de Comunicação Social experimentar, em forma laboratorial e de maneira sensível, o seu objeto sutil de trabalho que se apresenta como cultura urbana. Irão vivenciar, em pesquisa de campo, os mais diversos processos de criações de representação de espaço urbano compartilhado.

Relataremos, especificamente, a reflexão teórica e metodológica que orienta o processo de extensão universitária em nossa pesquisa. Assim, é inevitável que a cultura popular se torne uma questão presente dentro da Universidade e que a Mangueira se aproxime cada vez mais da UERJ, mesmo considerando os diversos distanciamentos simbólicos marcados pela cultura.

Pensar sobre a sociedade contemporânea a partir da relação das noções de comunicação, de cidade e de comunidade requer extremo cuidado teórico e metodológico. Surgem novos atores sociais na contemporaneidade e suas manifestações culturais são reestruturadas em contextualizações inéditas para as análises em torno das sociabilidades urbanas. Essas novas relações em suas múltiplas perspectivas são indutoras para se pensar a questão da centralidade da cultura na sociedade.

Imaginário, representação e sociabilidade são noções que se desenvolvem para pensar a cidade moderna e ganham cada vez mais visibili-

dade hoje, na sociedade contemporânea, do século XXI. Essas noções foram cunhadas dentro de um quadro de pesquisa moderna nas ciências sociais e humanas que pensavam a metrópole que estava sendo criada, mais especificamente as do final do século XIX e início do século XX. As questões que se discutiam giravam em torno dos problemas de se viver em grandes aglomerados populacionais, as novas regras de convívio, a civilidade, enfim, as transformações que aconteciam na forma de ocupação espacial. Economia, política e cultura caminharam no sentido de compreender e normatizar as sociabilidades urbanas. As representações modernas de cidade demonstram a pluralidade de bens culturais, mas também, de alguma forma, mostram que asseguram os lugares determinados a uma elite. Os lugares de circulação dos homens na cidade estariam bem delimitados, cartografados simbolicamente por uma divisão que se estabelecia a partir de quesitos de ordem econômica e política ou cultural, fortemente interligados.

O morador de uma favela, durante a construção da modernidade na cidade do Rio de Janeiro, era considerado à margem de qualquer processo produtivo de cultura urbana. Algumas tentativas de remoções de favelas se realizaram, para “melhorar a imagem” da cidade. Tapumes e “outdoors” serviriam para esconder a feiúra da favela. Pensar na presença do morador da favela na elaboração do retrato da cidade maravilhosa não era possível. Inclusive esqueceríamos que um dia tínhamos sido colônia. Para se refletir sobre a construção da imagem de Cidade Maravilhosa seria pertinente lembrar da política do “bota abaixo” do Prefeito Pereira Passos no início do século XX.

Reajustes conceituais: cidade e comunicação

De maneira ousada, mas ainda procurando uma síntese diante da pluralidade do mundo social, a Escola de Chicago, no início do século XX, questionava, sobre bases empíricas, as relações sociais que se estabeleciam entre os homens que viviam na cidade. São considerados ousados, pois inusitadamente colocam em pauta a discussão dos valores simbólicos, interacionais e afetivos na constituição da cidade. Nesse momento a comunicação adquire importância dentro do quadro de pensamento sobre a cidade.

Chicago se transformava rapidamente num grande centro efervescente na vida americana. Nova York, Filadélfia e Chicago eram as três maiores cidades americanas já no final do século XIX e esse era um terreno fértil para pensar a relação do homem com o espaço urbano (Coulon, 1995, p.11).

Os pesquisadores da Escola de Chicago, de modo geral, trabalhavam com a microsociologia dos modos de comunicação na organização da comunidade. O pensamento dessa Escola nos inspira, hoje, na medida que a cidade era compreendida como um “laboratório social”, com suas manifestações, por muitas vezes consideradas tumultuadas. Os temas de pesquisa giravam em torno da marginalidade, da desorganização, da aculturação, dentre diversos outros que denunciavam a relação complexa entre o homem e o seu espaço de convívio.

Para refletir sobre as relações entre os homens na cidade, os pensadores da Escola de Chicago estudam as comunidades a partir da “ecologia humana”, isto é, as relações do organismo com o ambiente, nas suas múltiplas condições de existência.

Para um dos fundadores da Escola, Robert Ezra Park (1864-1944), a luta pelo espaço na cidade de rege, originalmente, as relações entre os indivíduos. A competição e a divisão do trabalho formam interações não-planificadas, constituindo o “nível biótico” da organização entre os homens. O autor também constatava, de maneira imperiosa, um segundo nível como um “instrumento de direção e controle”, que é o nível social ou cultural. Nesse nível, encontramos a comunicação e o consenso de base moral regulando a competição e possibilitando o estabelecimento de laços sociais.

A questão da relação entre a comunicação e o consenso ainda pode ser pensada, nos dias de hoje, em termos das novas “cosmologias” e “centralidades”. Quando a cultura assume contemporaneamente o centro das análises sociais se torna indispensável a reflexão sobre o papel de determinados agentes de comunicação gerando novos fluxos informacionais na constituição do imaginário da cidade. Surgem os líderes comunitários, as pessoas comuns, discutindo e transformando o ambiente simbólico da cidade. Afirmando que eles são mesmo capazes de criar uma nova topografia para a cidade a partir da experiência da cultura comunitária.

Contemporaneamente, Gilberto Velho pensa os efeitos da cidade moderna na vida da sociedade e dos indivíduos levando em consideração a teoria da cultura. A metrópole moderna está associada, para o autor, a modos específicos de recortar e constituir a realidade. Cria e causa novas visões de mundo, “com concepções particulares de tempo, espaço e indivíduo” (Velho, 1995). Novas formas de sociabilidade se colocam de maneira inaugural na cidade desde as inovações econômicas e tecnológicas do século XVIII. Vemos que o fator heterogêneo na cidade não é novidade.

Afirmamos que a comunicação é o elemento que possibilita a forma comunitária das agregações, forma essa elaborada pelos homens comuns, nas ruas da cidade, sendo o elemento propulsor dessa heterogeneidade que deve ser negociada diariamente no ato de compartilhar o espaço social e que está presente na constituição da história da cidade moderna e continua marcante na contemporaneidade. É exatamente nessa construção que os nossos alunos de extensão universitária estão localizados quando saem dos muros da universidade e caminham para a pesquisa de campo. Eles irão buscar, no local onde os fatos sociais se desenrolam, os elementos para uma reflexão teórica de consistência sobre o campo da comunicação especificamente no Brasil e, mais ainda, no Rio de Janeiro. Assim, se estabelece uma troca permanente entre a formação da cultura na cidade, tendo a comunicação como suporte, e a reflexão acadêmica.

Na metrópole, o sistema de trocas não se reduziria ao campo econômico e comercial, mas, se estenderia e penetraria nos universos simbólico-culturais. Gilberto ressalta que o capitalismo moderno associa-se a mudanças significativas em todas as esferas da vida social. No decorrer do processo de interação entre “mentalidades” ou culturas particulares produzem-se combinações e transculturações geradoras de novos significados e temas culturais. Afirmamos, ainda, que no processo de trocas simbólicas não se verifica a homogeneização cultural, pois a diferença constitui a base para a existência de qualquer interação. A comunicação entrecruzando esses elementos diferentes só é possível graças a instrumentos econômicos, políticos e simbólicos. Nos lembra que a comunicação não fortalece qualquer processo que se considere homogeneizante, senão iríamos per-

der a possibilidade de compreensão dos mecanismos mais elementares da vida em sociedade.

Gilberto Velho aponta, na elaboração clássica do pensamento teórico e literário, a dicotomia que prevalecia em diversas representações sobre a cidade. Se na Modernidade a especialização favorece a liberdade de escolha, por outro lado diminui “o campo possível de experiências individuais”. Os homens modernos seriam livres e controlados ao mesmo tempo. Teriam o poder de mobilidade relativizado pela relação pecuniária e contratual de suas realizações e interações.

Voltando mais uma vez aos autores clássicos, vemos em Robert Ezra Park claramente demarcados dicotomicamente dois planos na análise da sociabilidade na cultura urbana. A partir da “ecologia humana” o autor pensa em equilíbrio, crise e retorno ao equilíbrio. Em seu texto *A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano*, a cidade se define não só pelo mecanismo físico, construção artificial. Ela não é apenas uma unidade geográfica e ecológica, também é uma unidade econômica e, é bom lembrar que o autor deixa claro que a cidade é o habitat natural do homem civilizado. Nesse lugar vai ocorrer a interação entre a organização moral e a organização física de modo até certo ponto controlado.

Cada parte da cidade assume os sentimentos da sua população. A vizinhança possui sentimentos, tradições e uma história bem própria na sua construção. Esse povo com interesses locais e com sentimentos localizados territorialmente pode gerar isolamentos, como pode ser constatado nos “guetos” americanos ou nas “cités” francesas, ou ainda, nos grupos segregados pelos antagonismos de raça e interesses de classes, como nos subúrbios ajardinados ingleses. Especificam-se, primeiramente, três modos de organização da cidade moderna de Park. Localizam-se a vizinhança, as comunidades raciais e as áreas segregadas. A circulação do habitante da cidade se torna circunscrita a determinados espaços.

Por um lado, temos o comércio de mercadorias, o relógio racionalizando o tempo, os compromissos objetivados pelo dinheiro e, por outro lado, a presença da atmosfera da cidade que liberta os homens no mergulho do anonimato. O homem pode escapar da tradição, de uma forma de organização social antiga, mas está prisione-

ro a sua classe social. Esses homens estariam divididos entre sentimentos e interesses. Essa cidade constituída por puras agitações e instabilidades é constatada por Park quando diz que:

“As cidades, as grandes cidades particularmente, estão em um estado de equilíbrio instável. Isso resulta que enormes agregados, casuais e móveis, que constituem nossas populações urbanas, estão em estado de perpétua agitação, varridos por todo novo vento de doutrina, sujeitos a alarmes constantes e, em consequência, a comunidade está numa crise crônica.” (PARK, 1915, p.319).

A multidão crescia em ritmo constante, as facções surgiam espalhando fragmentos de ideias. Diversos autores, de maneira geral, como Park, pensavam que esse “cadinho” de raças e culturas que estava formando a cidade moderna seria controlado pela comunicação e seus veículos. A coesão aconteceria, dessa forma, via propaganda e controle social. Existiria uma possibilidade de retorno à ordem pela via da comunicação, sem a qual a vida não poderia se estabelecer em sociedade urbana.

Hoje é impossível falarmos ou mesmo pensarmos em produção de efeitos homogeneizantes na comunicação que se espalha na cidade. Como vimos, já em 1995, Gilberto Velho enfatizou que o mundo das trocas objetivadas de bens materiais não abole o contato que temos com a pluralidade do mundo do cotidiano onde estão contidos o fantástico e a fantasia. Mesmo as inovações tecnológicas da informática, nunca experimentadas antes na história, não eliminam crenças e vivências múltiplas em diversos domínios e contextos. A cidade estará sempre produzindo diferenças, estará sempre produzindo novas realidades. O autor afirma que essa fragmentação é o resultado da divisão dos mundos holísticos tradicionais e da multiplicação de experiências e valores na atualidade. Porém, isso não impede a existência de valores tradicionais nas sociedades contemporâneas. “O fato da sociedade ser, por natureza, multidimensional e heterogênea produz alternativas e cria novos domínios” (VELHO, 1995).

A experiência da fragmentação nos induz a pensar no potencial de metamorfose e de resistência a certas forças homogeneizantes presentes em nossa sociedade. Nessa experiência, encontra-se a forma de agregação que permanece

comunitária na Mangueira. Aquilo que é vivido no espaço delimitado da comunidade gera sentimentos e de orgulho que se espalham e penetram na interpretação que fazemos de comunicação, de cidade e de cultura.

Uma panorâmica na História da Cultura

Uma nova forma de se tratar a cultura está cada vez mais presente em nossas interpretações no campo das ciências sociais e humanas. Partimos do princípio que a cultura explica o mundo. É da criação subjetiva do universo que falamos aqui. É uma construção permanente de significados falando do mundo em que vivemos.

“A cultura é uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portanto já um significado e uma apreciação valorativa” (PESAVENTO, 2003, p.15).

Pensar em uma possível era de certezas normativas, de leis ou modelos regendo o social se torna cada dia mais difícil. Afinal, como já falamos, vivemos numa era de incertezas e estilhaços culturais. Chega-se mesmo a perguntar se algum dia foi possível pensar em estabilidade e homogeneidade cultural. Os fatos constitutivos do social serão compostos por múltiplas possibilidades de interpretações que irão buscar seus fundamentos em diversas fontes. O mundo em ebulição incorpora, em suas buscas de compreensões teóricas, elementos até bem pouco tempo considerados menores ou desprezíveis, pois eram produzidos pelos homens do povo, que não criavam, em princípio, história na cultura da sua própria cidade. Esses personagens eram passivos diante dos grandes acontecimentos históricos que guiavam a vida em sociedade.

Os atores sociais “menores”, os homens que vivem em comunidades, assumindo lugar de referência na constituição da história da cultura da cidade, irão colocar as pesquisas acadêmicas na posição de repensar questões relativas à representação espacial do Rio de Janeiro. Vários autores trabalharam com a noção de representação de diversas formas, mas pode-se afirmar que todos trabalham com a idéia de resgate de senti-

dos conferidos ao mundo, e que se manifestam em palavras, discursos, imagens, coisas, práticas (Pesavento, 2003).

Pensar em trabalhar com conceituações clássicas em torno da representação de comunidade significa assumir posição ao lado de autores que ainda não investigavam o valor que os fatos realmente tinham para os atores sociais em movimento no cotidiano das ruas. Os homens que declaram o fim da comunidade não perguntam o significado dos fatos para os próprios homens que estão vivendo tal experiência e, de certa forma, menosprezam os pequenos acontecimentos do cotidiano, para privilegiar apenas os grandes relatos econômicos e políticos oriundos nas Instituições do Estado.

Indivíduos e grupos criam sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. “A representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele” (Pesavento, 2003, p.40).

A força do simbólico (Bourdieu, 2001) penetra as representações na medida que podemos dizer que existem sentidos ocultos que foram construídos no interior do mundo social e cotidiano. São os fatos que estão incrustados na cabeça de todos que compartilham o mesmo espaço e que podem constituir uma história informal com força suficiente para delinear as formas culturais de uma vida comunitária.

A representação pode constituir legitimações no ambiente da sociedade na medida que afirmamos que nessa força existe produção de conhecimento. Seguimos o pensamento de Sandra Jatahy Pesavento quando afirma que as representações se inscrevem em regimes de verossimilhança e de credibilidade, e não de veracidade.

Conclusões: para uma cultura comunitária popular

Pode-se dizer que os diferentes grupos sociais constroem lentamente o mundo, a cidade, a vizinhança e a sua própria moradia. As perguntas pululam no ambiente acadêmico e no mundo do senso comum. Quem na sociedade atual tem supremacia, conquistada em relações de força e poder, para dizer sobre o mundo? Tentaremos responder de diversas maneiras. Podemos argumen-

tar que o poder, na sociedade contemporânea, para afirmar concretamente o mundo se concentra na verdade da imprensa, no controle da empresa ou ainda no poder do Estado. Mas, também, podemos afirmar que existe um espaço, considerado de vivência comunitária, onde os homens que estabelecem a vida no cotidiano do bairro têm o poder simbólico de comandar o grupo. Quem irá autorizar comportamentos e normas sociais? Onde se encontra a credibilidade?

A orientação das sociabilidades modernas que puderam expressar até um determinado momento a sociedade como um todo, uniforme e homogêneo, através de um grande relato histórico e social, vai se esgarçando na cidade dos anos noventa com uma efervescência cultural e especificamente comunicacional nunca dantes experienciada pelo homem. Vamos lembrar que foi nos anos noventa que começou a existir o projeto Favela-Bairro. As falas de todos vão compondo em forma de mosaico a cidade. Os grupos que eram enfraquecidos de “poder simbólico” ganham visibilidade nos novos agenciamentos da cultura. Assim, até então a forma de agregação que acontecia nas camadas mais enfraquecidas, em termos de expressão cultural, e que não estava em evidência, logo começa a aparecer e a contribuir para a construção da imagem da cidade do Rio de Janeiro.

Alguns leitores poderiam, nesse momento do texto, afirmar que os homens de poder permitiram que uma cultura desqualificada entrasse na roda do poder. Demanda-se calma agora. Explicamos com Roger Chartier (1995) que a idéia de cultura popular nasceu em um ambiente erudito e por isso devemos tomar certos cuidados teóricos para compreendermos o momento atual de efervescência.

Historicamente, a cultura popular sempre foi definida a partir de dois grandes modelos. Em um primeiro modelo, pode-se apreciar a cultura popular sendo entendida como autônoma, livre de intervenções eruditas e com uma lógica completamente descolada da cultura letrada. Seria um outro mundo mesmo. Assim, apresentamos um modelo descritivo. Poderia-se descrever um outro mundo, isolado do nosso mundo acadêmico. Um universo que nunca foi penetrado por nenhum elemento exterior ao grupo denominado popular poderia ser apresentado. O segundo mo-

delo é o de interpretação. Esse campo preocupava-se com as relações de poder onde serão interpretadas as carências e dependências em relação à cultura dos dominantes. Já vimos aqui, através da noção de representação, que na contemporaneidade o modelo expresso na relação entre dominantes/dominados não explica várias formatações que se apresentam para se falar do mundo compartilhado. Assim, não seguimos nenhum dos dois modelos para refletir sobre a cultura comunitária da Mangueira.

É importante ressaltar, ainda, que temos o cuidado metodológico de não querer recuperar a “exuberância inventiva” de uma cultura tradicional do povo. Em vários textos históricos, como afirma Chartier, estão presentes as idéias enganosas de que em primeiro lugar as culturas tradicionais se desenraizaram em nome de uma cultura nacional, especialmente após a Revolução Francesa e depois da Primeira Grande Guerra, e em segundo lugar, que a cultura antiga e original foi destruída definitivamente pelos veículos de comunicação de massa. O autor possibilita afirmar a existência do espaço da resistência a todas essas produções históricas. Quando “o espaço próprio de sua recepção, que pode ser resistente, matreira ou rebelde”, é reconhecido como pertinente para se pensar o mundo social, inicia-se a possibilidade de compreender a formação das diversas agregações contemporâneas, dentre elas a comunitária. Não se garante que uma cultura foi eliminada em nome de uma outra, dita oficial superior ou ainda qualificada.

Hoje, constatamos que os produtos e as expressões do que pôde ser considerado constitutivo do popular circulam por meios sociais diferentes e não se concentram no lugar do popular. O funk, só pra citar um exemplo da efervescência cultural, não está circunscrito na periferia ou nas favelas; esse estilo musical está circulando visivelmente entre os nossos alunos universitários.

O que importa observar é a apropriação por grupos ou indivíduos de certos elementos culturais de maneira especial. A pesquisa intitulada *Socialidades Comunitárias nos Espaços Materiais e Imateriais no Rio de Janeiro* se concentra na preocupação de identificar, em pesquisa extensiva na Mangueira, os elementos que constituem os valores comunitários para os seus moradores.

É importante lembrar, para finalizar, que não podemos caracterizar o popular em simples conjuntos de elementos que estão sujeitos a se repertoriar ou se descrever. O comunitário fala por excelência da maneira relacional. Surgirão modos e tipos de utilização de objetos e normas que estão presentes na sociedade como um todo, mas que na comunidade ganham especificidades, oferecendo novas tonalidades aos pequenos elementos do caleidoscópio cultural.

Os computadores são usados na Mangueira, por um determinado grupo específico, de maneira muito especial. Criaram um selo de gravação de CDs musicais. O consumidor pode chegar e encomendar o “álbum” que desejar ou criar seu próprio CD de músicas. Tudo depende do gosto do freguês que receberá sua encomenda em apenas dois dias. Esse processo se dá graças aos programas que circulam livremente pela Internet. Isso não é novidade, mas lá na comunidade, esse fator é um elemento de coesão de grupo. Eles se reúnem, fazem encontros, discutem música, divulgam e produzem combinações originais de sons e estilos. Questionamos mesmo se eles não reestruturam o papel da Indústria da Cultura em suas vidas cotidianas. Talvez, seja até possível que eles vendam suas “criações” para além dos limites da comunidade da Mangueira. Estão assim contaminando o todo social com o estilo musical que foi traduzido e inventado na comunidade. Recebem a música, mexem, transformam, deglutem e reenviam a um novo mercado.

Está se tornando claro no campo de estudos da comunicação e no da cultura que a fragmentação que experimentamos na cidade contemporânea incorpora em seu quadro de questionamentos teóricos elementos de uma cultura que podemos definir como comunitária. É uma cultura formada por diversos valores e modos de vida, que foram sendo desenvolvidos durante a modernidade, sem dúvida, mas, é importante ressaltar que hoje, na contemporaneidade, ganha contornos específicos se forem incorporados como atitudes e valores relacionais que colaboram para construir a cidade. A cultura comunitária pode ser entendida como resistente aos valores homogeneizantes que qualquer ordem tente impor socialmente ao conjunto. O *modus vivendi* que se estabelece nas associações comunitárias se torna, cotidianamente, mais fragmentada e calei-

doscópica em suas interações quando se reconhece que os múltiplos valores irão, através da comunicação que privilegia o dado relacional, construir a imagem da cidade do Rio de Janeiro.

Notas

² O Projeto Favela-Bairro foi criado em 1993 como um programa de integração urbana e social. A preocupação principal era a de transformar a favela em "bairro popular". Sobre o assunto ver os sítios da Internet www.vivafavela.com.org e www.anf.org.br.

³ Sobre o assunto ver www.terra.com.br – terra notícias – Violência no Rio de Janeiro. Segunda, 12 de abril de 2004. 17h05. Especialistas condenam construção de muro no Rio e também ver no mesmo sítio 12 de abril de 2004 – 09h29. Favela da Rocinha deve ser cercada por muros.

⁴ Texto da aluna de Iniciação Científica Juliana Krapp Guimarães.

Referências bibliográficas

- BAUMAN, Zigmunt. *Globalização: As consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. p.145, 1999.
- BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista. p. 264, 1997.
- CHARTIER, Roger. "Cultura popular": Revisitando um conceito historiográfico. *Estudos Históricos*, v. 8, n. 16, p. 179-192, 1995.
- COULON, Alain. *A Escola de Chicago*. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes. p. 317, 2001
- GIDDENS, Anthony. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, p. 318, 1989
- GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH (Orgs). *Textos em representações sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 324, 1995.
- MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: Investigações em Psicologia Social*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 404, 2003.
- PARK, Robert Erza. La ville: porpositions de recherche sur le comportement humain em milieu urbain. IN: METER, Karl M. Van. *La Sociologie*. Paris: Larousse, p. 831, 1992.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 132, 2003.
- VELHO, Gilberto. Estilo de vida urbano e modernidade. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 227-234. 1995.

Abstract:

This work in the reflecting of the extension activities carried on by the undergraduate students of the Social Communication program at UERJ, in a field study at the Mangueira community.

We shall refer to the theoretical and methodological aspects that guided the main decision on the research process focused on the communitarian values inside the city's cultural environment.

It intends to reflect on contemporary society from the perspective of the concepts of communications, city and community, having Cultural Theory as its main conceptual basis.

The people that live in community assume a reference position in the constitution of the history of culture in the city and stimulates recontextualizing aspects related to spacial representation in Rio de Janeiro.

Communitarian culture may be understood as a resistance point in opposition to homogenizing values that any external agent may intend to socially impose to the group.

Communitarian culture is composed by multiple values and relationships that collaborate, continuously, to the construction of the caleidoscopic image of Rio de Janeiro.

Key-words: Communication, city, community, culture.